

Psicologia & Medicina

O dito “Aparelho Mental” foi uma intuição do misticismo do século XVII que começou a relacionar as protuberâncias dos crânios com supostas correspondentes cerebrais dentro de deles. Iniciou a “Frenologia” e forjou a noção de caráter para dizer das tendências ou determinismos de uma personalidade ou pessoa. Tacitamente, o falso conde Gobineaux valeu-se dela para criar a doutrina do “Racismo Moderno”. Depois, Charcot inventou a doença mental, trazendo para a psiquiatria o racismo eugenista de Césaire Lombroso, desenvolvendo o preconceito racial que chegou até a Segunda Guerra Mundial com o holocausto. Hoje, doença mental é um “tropo”, desvio de linguagem ou metáfora: modo de dizer uma coisa falando outra. Todos os medicamentos, inclusive os chamados psicofármacos, dirigem-se aos sistemas do organismo: neurológico, endócrino e assim por diante. Isto a que chamamos “Psicopatologias”, ao nosso Terceiro Milênio, correspondem a dois conjuntos de acontecimentos formando uma totalização; aqueles de ordem orgânica (funcionais ou estruturais) e aqueles de ordem interpessoal. Por isso, o diagnóstico, prognóstico e tratamento precisam ser interdisciplinares, no mínimo, cruzando os esforços da Medicina e da Psicologia. O acompanhamento dos efeitos ou resultados da medicação são continuamente acompanhados por ambos os profissionais em comunicação permanente ou através de relatórios regulares. Assim atuam os profissionais da Clínica Relações, em Psicologia Científica Existencialista.

(Pesquisa e texto: Pedro Bertolino.)